

to Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e mostrou ainda que São Paulo despenhou com a pior taxa de desemprego em 20 anos: 9,3%. Os setores que mais demitiram, entre setembro do ano passado e o deste ano, foram comércio e indústria. Segundo especialistas, preocupante é o fato de não ter havido oferta de vagas de um mês para o outro, apesar de mais pessoas terem saído à procura de emprego (+3%).

▶ DESEMPREGO... PÁGINA A10

■ BC MANTÉM TAXA DE JUROS EM 21% AO ANO. PÁGINA A11

Desemprego cresce entre mulheres

Taxa de setembro atingiu 7,5% da força de trabalho e bateu recorde em São Paulo, com 9,3%

DESEMPREGO

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA A1

As regiões metropolitanas refletem com mais intensidade a crise do mercado de trabalho, demonstrada na pesquisa do IBGE. E as mulheres foram as grandes perdedoras. De um mês para outro, só aumentou a taxa de desemprego feminino (de 8% para 8,5%). A dos homens permaneceu estável em 6,8%, chegando à média de 7,5% (em agosto, era 7,3%).

— O epicentro da crise é o desemprego nas regiões metropolitanas. O desemprego recorde em São Paulo é um pouco simbólico e muito sério também. Pelo menos a crise do câmbio, apesar de toda a instabilidade, tem uma grande vantagem, que é lançar a semente para a prosperidade por estimular as exportações — diz o economista Marcelo Neri, especialista em indicadores sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Neri alerta, no entanto, que,

com um crescimento de 1%, em média, da economia, como previsto para este ano, o país não gera vagas suficientes para absorver o contingente que todo ano chega ao mercado.

O Rio continua com a taxa de desemprego mais baixa (5,5%) das seis regiões pesquisadas, mas também exibe um triste recorde: é o índice mais alto para um mês de setembro da era do Plano Real. Tanto no Rio como em São Paulo, foram basicamente as mulheres que mais

pressionaram a taxa de desemprego entre agosto e setembro, porque o índice medido entre os homens não saiu do lugar.

No Rio, o setor de serviços responde pela maior parte da ocupação (59%), explicando também a forte presença da informalidade que ameniza a taxa de desemprego na região. Há também quem veja algum conforto nos dados revelados ontem pelo IBGE.

— Nem tudo é má notícia, porque se for comparado setembro do ano passado com setembro deste ano, vera que houve um aumento de 2,2% na ocupação. É mais do que o crescimento demográfico. Cerca de 400 mil vagas foram geradas. Essa parada agora de um mês para outro é que preocupa porque, em tese, deveria estar havendo expansão na ocupação — diz Lauro Ramos, especialista em mercado de trabalho do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Entre agosto e setembro, a ocupação só subiu em três regiões: Salvador (4,7%), Porto Alegre (0,7%) e Recife (0,4%). Rio, São Paulo e Belo Horizonte tiveram queda. Na comparação entre setembro deste ano com o mesmo mês do ano passado, os contrastes se sobressaem.

A força de trabalho, ou seja,

as pessoas em idade ativa interessadas em trabalhar ou empregadas, cresceu (3,8%), por causa do aumento da ocupação (os 2,2% citados por Lauro Ramos) e do número de pessoas procurando vaga (28,6%). O IBGE sai em campo verificando quem, na semana anterior de referência à pesquisa, estava trabalhando ou em busca de emprego. Os desempregados que, por algum motivo, desistiram da empreitada nesses dias não entram nas estatísticas.

Nos nove primeiros meses do ano, a taxa média de desemprego acumulada foi de 7,3%, bem acima da registrada no mesmo período do ano passado (6,2%).

Outro sinal da deterioração do mercado de trabalho do ano passado para cá é o tempo médio que um desempregado geralmente leva para voltar a achar trabalho. O IBGE informa que o prazo, entre setembro do ano passado e setembro último, dilatou-se em mais de um mês. Se antes o tempo médio era de 20 semanas (ou quase um mês), agora uma pessoa pode passar até seis meses (ou 24,4 semanas) atrás de uma vaga no mercado de trabalho.

Colaboraram Nilda Polce e Leonilda Zambrotti

